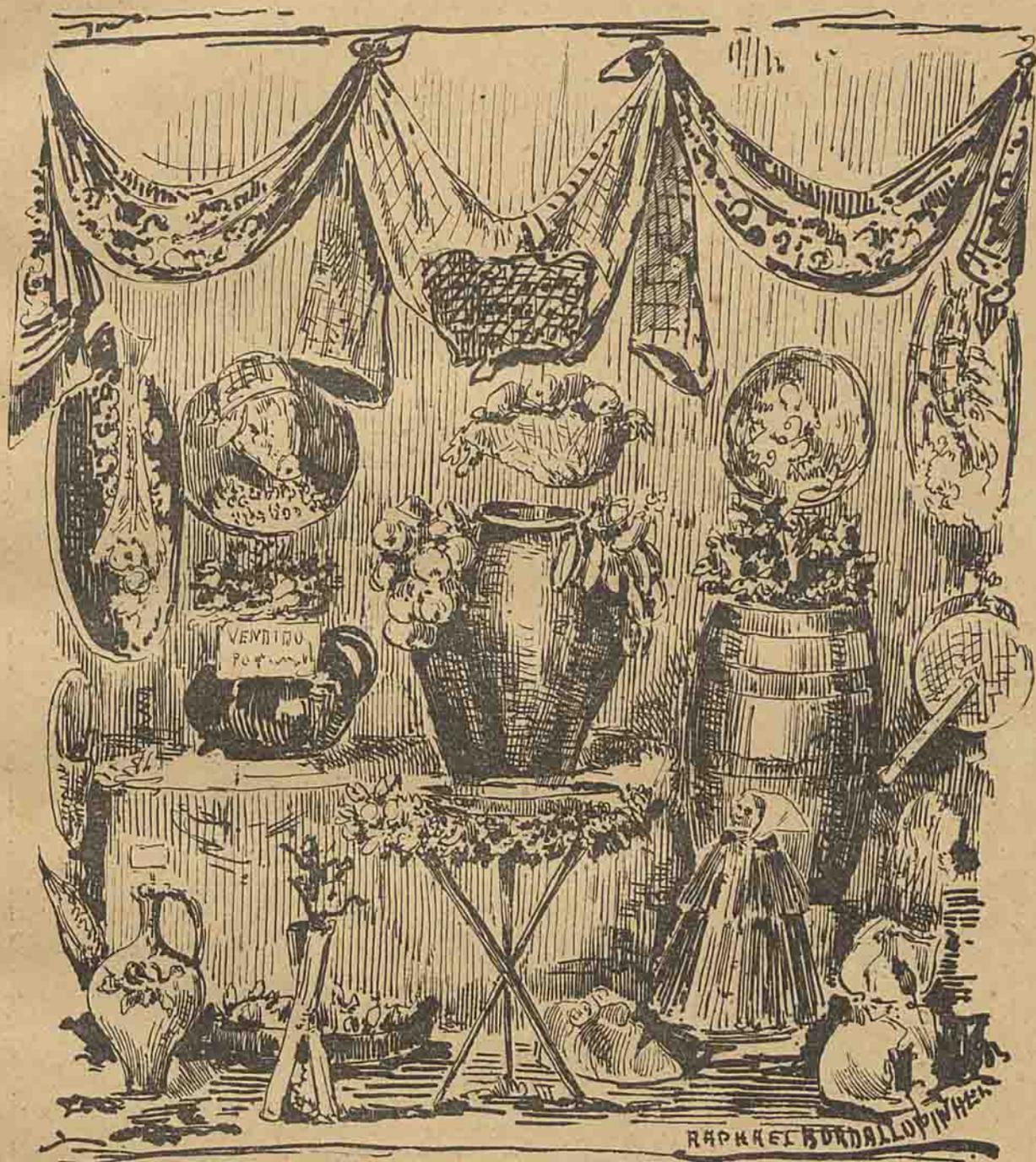


A ESPIRITUOSA MONTRE DO SR. PEXE



O sr. Peixe, proprietario da *Agua d'Oiro*, (rua Nova do Almada), fez durante os dias de carnaval, um gracioso reclame ás loijas das Caldas. Amor com amor se paga, e por isso lhe fazemos hoje este *reclame* ao estabelecimento.

Aquella gentil facecia foi-nos tanto mais agradavel quanto é certo que muito nos felicitamos por ver, ao menos uma vez na vida, artigos nacionaes de primeira necessidade na montra parisiense da *Agua d'Oiro*.

CHRONICA

Decididamente nós somos um povo muito folião!

Não ha contrariedade que nos amofine quando sentimos o corpo a pedir frescata.

Pode o deficit deitar todos os annos novos e robustos galhos, como uma araucaria incommensuravel; podem os impostos multiplicar-se todos os mezes nas mãos do sr. ministro da fazenda, como os pães se multiplicaram d'aquella vez nas mãos do Salvador do mundo; pode o governo arrancar-nos a pelle todos os dias, como o rapazio arranca os programmas afixados nos cunhaes dos predios, que nós havemos de viver e morrer a rir, como se, em vez d'um povo, fossemos uma simples Maria Rita...



E, senão, vejam que entrudo tão divertido, tão alegre, tão reinadio nós acabamos de passar, a despeito de termos constantemente suspensas, sobre as nossas cabeças, tanto a espada do Damocles Firmino Lopes, annunciada nos editaes do governo civil, como a bisnaga impertinente do Padre Eterno, não prevista nas folhinhas do Borda d'Agua.

A lama, emporcalhando-nos até ás carnes; a chuva ensoopando-nos até aos ossos; o sr. commandante das guardas municipaes atemorizando-nos até aos tutanos,



quando atravessava o Chiado, vagaroso como um caracol e grave como a ultima nota d'um contrabaixo; nada d'isso, enfim, teve força para impedir que o indigena saisse para a rua a bisnagar-se heroicamente, como se quizera enxugar-se das batcgas de chuva pelo systema homeopathico—*simila com similibus curantur!*

A bisnaga tornou-se tão popular como o auctor dos originaes opusculos.

Não houve creatura, da mais infima condição, que não esguichasse o seu semelhante.

Foi uma febre, um delirio, uma loucura, a que

ninguem pode furtar-se!

Os proprios mendigos, que esmolam de porta em porta o pão de cada dia, não se lembraram durante o carnaval de esmolar semelhante coisa. Esmolavam mas era para bisnagas.

— Oh meu rico bemfeitor! Dê-me uma esmolinha pelo amor de Deus, que preciso esguichar a modista ali da sobre-loja.



— Paes e mães de caridade! Tende compaixão do aleijadinho! Ha vinte e quatro horas que não me entra uma bisnaga na sacola!

Os bemfeitores esportulavam os seus dez réis e os aleijadinhos corriam leves como uns sargentos á padaria mais proxima, aonde, em vez d'um quarto de pão, mercavam uma duzia de bisnagas.

Porque é preciso que se saiba que a bisnaga se vendia em todos os estabelecimentos e por um preço a atirar de pernas ao ar com a companhia do dr. Pinto Coelho.

As bisnagas de tres vintens não tinham menos de trez metros cubicos d'agua tão pura como a do Alviella.

Uma redução de noventa por cento nos preços da companhia!

Então as de seis vintens nem eram bisnagas; eram uma avença d'agua suja para os tres dias de carnaval!



Ainda assim, as honras da folia não couberam á bisnaga: couberam ao tremoço.

Como previramos na nossa ultima chronica, o tremoço, libertando-se do jugo do imposto com que o opprimia o traidor Hintze Miguel de Vasconcellos, saiu para a rua victorioso como um Antão Vaz d'Almada, e não houve penante que não affrontasse, orelha que não magoasse, nariz que não melindrassse!



Apesar dos esforços da camara municipal, representada para o caso presente na pessoa dos seus benemeritos varredores, as ruas da cidade conservam-se ainda completamente encrustadas d'aquelle modesto legume em que o sr. Hintze descobrira o Messias que havia de trazer ao thesoiro as libras da promissão.

Esta profusão de tremoço, em mayonaise com a lama das calçadas, espalha no ambiente aquelle aroma suave e característico dos lugares de criação na antiga Praça da Figueira.

Por mais que a gente se afaste do coração da Baixa, parece que anda sempre a passeiar na rua das Galinheiras!



Foi caminhando sobre essa alcatifa macia e odorosa que o indigena recolheu a casa na madrugada de quarta-feira de cinzas, com o aspecto melancolico e o passo vacilante de quem traz ao mesmo tempo a bolsa muito leve e a cabeça muito pesada.



Já os gallos entoavam nos quintalorios do burgo os seus cócorócós madrugadores, os pintasilgos chilreavam nas suas penitenciarias de arame as trovas do alvorecer e ainda os estonteados foliões da vespera enxameavam pelas casas de comes e bebes, desdo os *restaurants à lá carte*, com *vitella aux champignons* e *chaise longue* de setineta, até as taberneças de *lista cantada*, com prato de mão de vacca e toalha de tres semanas.

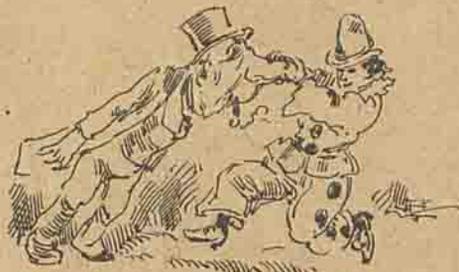
Pecadoras de alto preço exgotavam em gabinetes alcatifados o ultimo calice de Madeira Lomerlino, e collegas de preços convidativos enxugavam nas tabernas, á intimidade do balcão, o derradeiro decilitro do puro torreano, segredando umas e outras, aos ouvidos dos amantes, promessas e protestos tão verdadeiros e tão garantidos como a authenticidade dos vinhos com que se estavam envenenando...

E ao tempo em que esses amantes felizes regressavam ao lar, arrotando ainda ao *fois-gras* de meia moeda a lata e ao *Clicot* de tres mil réis a garrafa, assomavam-lhe á janella as mães ou as irmãs, as filhas ou as mulheres, á espera que passasse na rua a freguesia da fava-rica...



Segundo refere a parte de policia, o conselheiro Dias d'Oliveira foi victima, no domingo gordo, da generosidade da natureza para com elle, no que respeita áquelle membro que não é feição.

S. ex.^a estava parado á porta da Havaneza, contemplando as mascararas que passavam, quando uma atrevida *pierrete*, tomando-lhe o respeitavel *beque* por um nariz de papelão, lhe deitou as unhas, tirando-lh'o do seu poiso inteirinho e entregado!



O conselheiro quiz protestar; mas como a falta do nariz, alem de lhe alterar as feições, lhe fazia a voz fahosa, ninguem lhe reconheceu a identidade, e todos o tomaram por uma parodia á sua propria individualidade!

Ainda assim a noticia espalhou-se rapidamente, e varios cavalheiros bem apessoados do citado membro, como o Pequito, o Rio Sado, o Minhava e muitos outros, nunca mais se atreveram a sahir á rua sem levarem um guarda municipal a cavallo, escarranchado no nariz.



O grande projecto financeiro de Marianno o Economico é—descobrimol-o nós—cobrar os direitos em divida por mercês honorificas e desenvolver quanto possível essa fonte de receita, agraciando com o grau de commendadores os poucos cidadãos portuguezes que ainda o não são, chamar ao conselhos de sua magestade os raros labregos que andam a monte, isentos d'aquelle distincção, e promover ao posto immediato todo o enxame de titulares que enche o cortiço da nobreza, fazendo viscondes, os que são barões, condes os que sejam viscondes, marquezes os que forem condes, e assim successivamente até e logar de vice-rei, não havendo promoção d'ahi para cima, porque o governo, leal para com os seus adversarios, quer poupar ao rei Antonio Maria o desgosto de lhe dar collegas...

O CARNAVA DE 1886

SALSAS'S CLUB



RAFAEL BORTALLO PINHEIRO

Uma soberba mascarada a dos Salsas's Club, com seus exploradores d'Africa, exploradores de industria, artes e lettras, exploradores do microbio, exploradores de novas e de velhas, explorador de*** etc., etc. Bom seria que o gosto por semelhantes mascaradas se desenvolvesse entre nós, de preferencia á mascarada de agua porca e ao cartucho de pó de sapatos.

A camara municipal podia muito bem applicar o incentivo d'essas mascaradas, o dinheiro consuegariam decerto com muito mais proveito em taes divertimentos os cobres que dispendem na Boa Hora prazer de empoarem o seu semelhante.

N'estes termos, a policia civil, aproveitando o ensejo do carnaval e tomando por pretexto alguns cartuchos de pó de arroz e outros tantos esguichos de agua de colonia disparados contra o proximo, fez durante os dias de entrudo uma verdadeira rusga a todos os *barons* de ambos os sexos, desde a *Baron* luveira até ao *baron* da Regaleira, levando ambos para o *estarem* do governo civil.

A *Baron* ainda observou ao policia que a empurrava brutalmente, intimando-lhe o conhecido «ande lá p'ra áente que ninguem lhe faz mal»:

— Sr. policia... Lembre-se do pensamento do poeta: «n'uma mulher não se deve bater nem com uma flor»...



Mas o policia respondeu:

— Eu não lhe bato com a *flor*; bato-lhe com a *folha*... do chifarote.

O *barão* da Regaleira, esse foi muito senhor de si para o governo civil, intimamente convencido de que o não mettiam no calaboiço.

— Isso é que metto, certificou-lhe o policia; o *rigulamento* é igual para todos...

— Talvez não metta, cá por causa d'uma coisa, observava-lhe o *barão*, esfregando as mãos muito satisfeito.



Metto não mette, chegaram ao governo civil.

— Ora então metta lá, que ainda por cima lhe dou um doce... desafiava o *barão* á porta do calaboiço.

E o policia, observando as dimensões da porta comparativamente com as dimensões do abdomen do preso, resmungou contrictamente:

— Desisto da empresa! Nem que eu disposesse do tempo que viveu Mathusalem e da paciencia que teve Job conseguiria metter tamanho *Rocio* em tão insignificante *Bitesga*...

N'isto chegava a ordem de soltura para todos os *barons* e todas as *Barons*, quer com B grande, quer com b pequeno.

—Então para que nos prenderam? perguntaram os captivos.

—É medida geral, respondeu-lhes o commissario tambem geral; prender todos os *barons* para os fazer viscondes...

A recente publicação de David Corazzi, deixa-nos positivamente maravilhados!

Trata-se nem mais nem menos de que d'uma edição das *Viagens Maravilhosas* de Julio Verne, n'uns volumes que são uma verdadeira maravilha de perfeição e pelo preço que maravilha de 300 réis cada volume!

É maravilhoso!



Todas as manifestações nacionaes, quer da industria quer da arte, tem sempre este problema difficil de resolver: achar casa apropriada para as suas exposições.

O dr. Melicio é o X benemerito do complicado problema. Os expositores encontram na solução do problema esse X que está sempre de pernas e braços abertos para os receber nas suas salas.

O aspecto d'um verdadeiro X, que empresta a casa sem levar uma de X.



Como se sabe, o illustre Bailio de Malta fallou durante tres dias seguidos na camara dos pares, occupando todo o tempo das sessões a referir episodios honrosos da sua vida, o que, por ser tão verdadeiro como a historia da *Carochinha*, produziu nos dignos proceres o mesmo effeito que a referida historia costuma produzir nas creancinhas de mama: um somno invencivel cujas primicias couberam, como era natural, ao sr. ministro da marinha.

O discussão de s. ex.^a ficou cortado ao meio pelo carnaval, que se lhe atravessou na garganta como uma impertinente espinha de goraz.

De fórma que o sr. Bailio, proseguindo na lenga-lenga interrompida, mistura alhos com bugalhos, e tão depressa explica o seu procedimento quando governador civil de Braga como intermette a sua piada relativa ao entrudo que já lá vac.

—Sr. presidente! dizia elle ha pouco, alongando aquellas mãos em que os dedos são outros tantos anzóes de pescar enguias; sr. presidente! eu fui em Braga o que tenho sido em toda a parte: um coração aberto ás desventuras e ás necessidades do meu semelhante! E olhe o sr. presidente...

(O sr. presidente olhou.)



—Olhastes... perdão! isto era do entrudo!... Olhe o sr. presidente que as necessidades em Braga são tantas como pulgas n'um palheiro e é preciso ter muito olho e muito boa vontade para todas ver e a todas atender...

A questão da emigração foi o cartucho de pós de gomma... queria dizer, o cartucho de pólvora e bala que deu começo á revolução, levantando contra mim, além de muitas coisas que não vem ao caso referir, a animosidade dos exploradores da mascarada... isto é, dos exploradores da emigração!

Os citados exploradores acabam de depenicar em mim—que não depenico em pessoa alguma—introduzindo no mercado um Bailio de contrabando, afim de illudir a boa fé dos srs. consumidores! Protesto energeticamente contra a grosseira contrafacção!

E, para maior agravo, aquelles exploradores são quasi todos officiaes do nosso exercito!

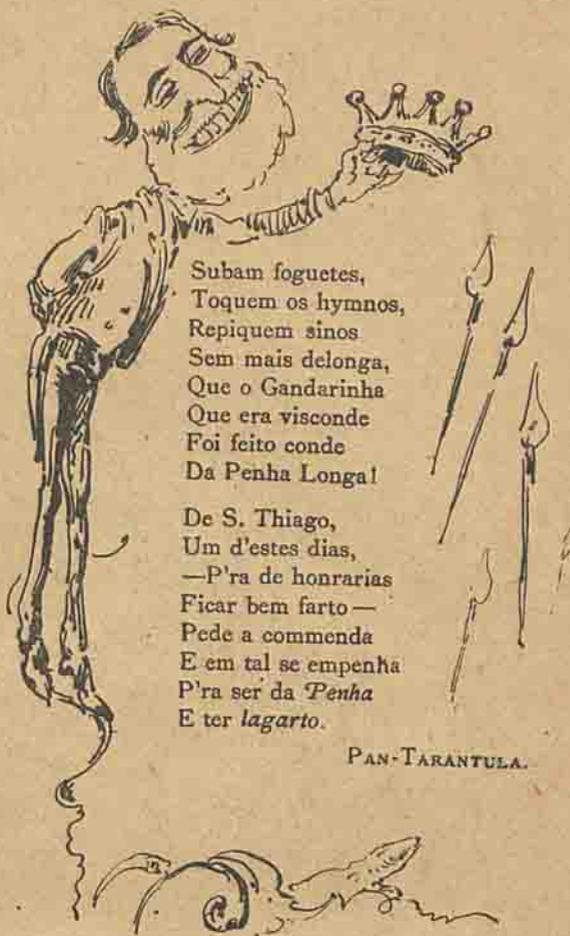
Ainda se fossem soldados... passava... Mas officiaes é que não deixo passar!



Sr. presidente! eu espero, a camara espera, o paiz espera que a travessa da Espera... perdão! que a travessa officialidade seja punida severamente, levando todos baixa de posto.

E, quando elles levarem isso, levarei eu tambem a minha generosidade ao ponto de lhes perdoar as offensas recebidas!

Sim! reduzam todos á condicção de soldados e não só permittirei então que me façam mascaradas como até gostosamente me prestarei a arranchar com elles!...



Subam foguetes,
Toquem os hymnos,
Repiquem sinos
Sem mais delonga,
Que o Gandarinha
Que era visconde
Foi feito conde
Da Penha Longa!

De S. Thiago,
Um d'estes dias,
—P'ra de honrarias
Ficar bem farto—
Pede a commenda
E em tal se empenha
P'ra ser da Penha
E ter lagarto.

PAN-TARANTULA.



DIALOGO ENTRE «ZÉS»



Zé Luciano :— Então quem é amigo, que deu tremoço sem imposto ao seu menino, para brincar o carnaval? Já vês que sempre sou melhor de que os outros...

Zé Povinho :— No estado em que uns e outros me deixaram, todos presentemente são bons para mim. Puzeram-me na espinha e por isso agora só tenho medo d'um ministerio de gatos que acabe de me trincar...